E o povo de novo nas ruas!

Céli Regina Jardim Pinto*

Nos últimos meses, Porto Alegre foi palco de manifestações de rua contra o aumento do preço da passagem de ônibus que tiveram efeitos concretos e positivos. A passagem baixou e abriu-se uma larga discussão sobre a composição do preço das tarifas. Os manifestantes, jovens estudantes, em um primeiro momento foram chamados pela mídia de vândalos, adjetivo muito em moda para classificar todos os que se manifestam publicamente nas ruas contra a apropriação do espaço público por poderosas empresas privadas, o aumento de tarifas, o corte de árvores, o aviltamento salarial, entre outras causas. Mas, com o êxito do movimento, a mídia deixou de chamá-los de vândalos, e eles passaram a ser nomeados *estudantes defendendo os interesses da cidade*.

Meu objetivo neste pequeno artigo não é discutir o movimento de Porto Alegre, mas tomá-lo como ponto de partida para analisar uma forma de fazer política que não é novidade na história contemporânea, mas que está assumindo uma nova dimensão no século 21: a tomada das ruas pelo povo.

Grandes manifestações tiveram presença importante na história republicana do Brasil. Em 1954, o povo foi às ruas para protestar contra os inimigos de Getúlio, quando de seu suicídio. No Rio de Janeiro e em Porto Alegre, os manifestantes em grande número invadiram, quebraram e queimaram prédios de jornais e de partidos políticos adversários do líder morto.

1968 foi um ano particular: os estudantes na França tomaram as ruas de Paris, e no Brasil 100 mil pessoas foram às ruas do Rio de Janeiro protestar contra o regime militar. As primeiras grandes manifestações de rua no Brasil após 68 ocorreram entre o final de 1983 e o início de 1984: o movimento pelas "Diretas já", que levou milhões de pessoas às ruas das principais cidades do país, clamando pelo fim do regime militar.

Nas últimas décadas do século 20 e na primeira do século 21, os espaços públicos foram quase abandonados e as manifestações de caráter reivindicatório e político tornaram-se escassas. As democracias na Europa e nos Estados Unidos conseguiam dar conta de seus problemas no interior de instituições políticas sólidas. Nos países do Leste Europeu, o fim do regime comunista foi consequência da atuação de movimentos sociais muito bem organizados ou do desgaste de burocracias estatais. No Brasil, a Constituição de 1988 desenhou um quadro de participação política por meio da criação de conselhos, instrumentos de iniciativa popular, plebiscitos, referendos e orçamentos participativos. As manifestações de rua pareciam resumidas aos grafites e pichações. Os primeiros, relidos pela mídia e pela mercantilização das galerias de arte como expressão artística; os segundos, jogados na simples e confortável designação de vandalismo.

É, pois, na segunda década do século 21 que se assiste no mundo à retomada das ruas por grupos muito numerosos para reivindicar direitos das mais diversas ordens. O ano de 2011 foi paradigmático. Na Espanha, a mobilização conhecida como "Movimento dos Indignados" convocou uma grande manifestação para o dia 15 de maio nas praças do país. A crise econômica materializava-se em alarmantes índices de desemprego, chegando a mais de 40% entre os jovens. O movimento tomou um grande vulto e ocupou as praças das principais cidades espanholas.

No mesmo ano, ocorreu a chamada "Primavera Árabe", em que movimentos populares surgiram no Egito, na Líbia, no Marrocos, na Tunísia, no Iêmen, no Bahrein, entre outros. No Egito, a manifestação conhecida como "Dia da Ira", em 25 de janeiro, foi convocada pelo "Youth Movement" e por uma página do Facebook. O protesto iniciado no Cairo espalhou-se por todas as grandes cidades do país. Vale lembrar que, diferentemente da Espanha, no Egito havia uma ditadura de 30 anos que não tolerava dissidentes, o que tornou a tomada das praças pela multidão um ato de desafio e enfrentamento. Os eventos no Iêmen, inspirados no Egito, iniciaram-se com a manifestação de 3 de fevereiro e foram organizados por um grupo de jovens que se denominou "A Juventude da Revolução". Atendendo à convocação, milhares de populares se reuniram em protestos na principal praça da capital do país, Sana, onde, surpreendentemente, para um país muçulmano, homens e mulheres protestavam juntos.

Na América Latina, as manifestações do Chile em 2011 levaram milhares de jovens a ocupar as ruas de Santiago por muitas semanas, protestando contra o sistema educacional. Todas as manifestações confrontaram o governo conservador de Sebastián Piñera, que, ao mesmo tempo que reprimia e prendia militantes, sentava à mesa com dirigentes estudantis para tentar uma solução.

Em suma, os movimentos de 2011 apresentaram novidades, foram feitos basicamente por jovens, ocuparam os espaços públicos – o mais mítico dele, a praça – e usaram todas as formas de redes sociais. Eram movimentos políticos por excelência que contestavam os governos, os regimes e as instituições. Tinham formas novas de comunicação. As novas mídias propiciavam a formação rápida de redes, e o celular foi o principal instrumento. Por meio dele as mensagens atingiam um grande número de pessoas nas ruas, nas casas, no trabalho, nas escolas, nas universidades.

Ainda nesta breve reflexão cabe comentar um movimento atual e muito forte que tem se expandido ao redor do mundo: "A marcha das Vadias", que nasceu como um protesto às declarações do policial canadense Michael Sanguineti que, em uma palestra na Universidade de York, em 2011, afirmou que "as mulheres devem evitar se vestir como vagabundas para não se tornarem vítimas de ataques sexuais". Ao longo dos anos de 2011, 2012 e 2013, essa marcha tornou-se um movimento mundial de denúncia da violência sexual contra as mulheres, sendo realizada na Europa, na América Latina, na África e na Ásia. Houve marchas em países tradicionais, como o Marrocos e a Índia; existem grupos no Twitter na Alemanha, nos Estados Unidos, em Singapura e Hong Kong. No Brasil, já ocorreram marchas nas cidades de São Paulo, Brasília, Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria, Londrina, Florianópolis, Criciúma, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Vitória, Recife, Salvador e Fortaleza.

Nessas marchas, as mulheres vão para a rua com roupas ditas de "vadia" e em muitas ocasiões ficam com os seios nus. Qual é o significado de uma manifestação como esta que se torna mundial? Como podemos pensar a "Marcha das Vadias" dentro de um mesmo quadro que contém as manifestações públicas de dor e revolta pela morte de Vargas, a "Marcha dos 100 mil" contra a ditadura, as ocupações das praças pelos "Indignados" espanhóis e as manifestações da chamada "Primavera Árabe"?

As manifestações citadas aqui têm uma diversidade muito grande pelos momentos históricos distintos em que ocorreram, pelo que demandavam ou protestavam. Mas, em relação aos movimentos ocorridos a partir de 2011, é possível pontuar duas questões que abrem perspectivas para a compreensão e a análise mais aprofundada desses eventos.

A primeira refere-se à condição dos participantes que, em certo momento, tornam-se um grupo homogêneo ao redor de uma causa. O que caracteriza essas manifestações é que grande parte dos manifestantes constitui-se de sujeitos públicos e políticos a partir da própria manifestação, e essa condição pode se diluir no momento em que o protesto se desfaz, o que pode ser interpretado como uma fragilidade. Mas há outra faceta a ser considerada: a presença desse tipo de agente político revela o surgimento de um novo sujeito público, menos comprometido com ideologias reducionistas e mais predisposto a uma atuação pública – um comprometimento que varia de acordo com as causas em pauta. Daí que o importante não é que sempre os mesmos estejam em todas as manifestações, mas que se construa, por meio das próprias manifestações, uma cultura de participação que reatualize o próprio sujeito político.

A segunda questão, a partir da qual se devem pontuar as manifestações, é a que diz respeito à relação entre elas e a participação política. Todas as manifestações a partir de 2011 enfrentaram a ordem estabelecida, ocupando o espaço público. Mas há uma distinção importante entre aquelas que enfrentaram regimes autoritários ou totalitários e as que aconteceram em regimes democráticos: as que buscaram o fim de ditaduras, como foi o caso das manifestações da "Primavera Árabe", enfrentaram uma violenta repressão e algumas vezes foram sufocadas pelos regimes.

Nos países com regimes democráticos, as manifestações são movimentos políticos, mas que não vieram para tomar o poder, não ameaçam a existência das instituições, mas as subvertem como uma nova forma de participação política que enfrenta os arraigados hábitos das instituições e suas formas confortáveis e nem sempre transparentes de resolver conflitos.

As demandas que provocaram esse conjunto de manifestações, tanto nos países que viviam ditaduras como nas democracias, muitas vezes não foram alcançadas, e a mobilização teve limites, pois a ocupação de espaços públicos provoca tensões com autoridades policiais, além de ser um corte violento do cotidiano das pessoas que não se sustenta por muito tempo. Porém, tais circunstâncias não revelam o fracasso desse tipo de participação política, mas uma reinauguração com novos atores, novas condições de organização e, principalmente, com um novo papel para o cidadão no conjunto das forças políticas e sociais que atuam no mundo contemporâneo.

Professora associada IV do Departamento de História da UFRGS

FLÁVIO DUTRA/JU

As manifestações de rua contra o aumento do preço da passagem de ônibus em Porto Alegre tiveram efeitos concretos